

INTENSIFICAÇÃO DO CICLO DA INVISIBILIDADE E O IMPACTO NA SAÚDE MENTAL DE CRIANÇAS COM AUTISMO EM DECORRÊNCIA DO ISOLAMENTO DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

Rafael Simões de Sousa Godói ¹

Ana Luiza de Mendonça Oliveira ²

Denise de Melo ³

Resumo: Com o surto de COVID-19 pelo mundo e as medidas eficazes adotadas para evitar o contágio da doença, como o isolamento e o distanciamento social, a questão se tornou relevante e motivou o presente estudo, com o objetivo compreender os impactos que o isolamento social provocou na saúde de pessoas com deficiência usuárias dos setores de atendimento no ambulatório da APAE da cidade de Araguari-MG e das suas famílias. Para tanto, foram realizadas entrevistas de cunho aberto com trinta participantes constituídos por famílias integradas por crianças com autismo que frequentam os setores de atendimento no ambulatório da APAE. Os dados obtidos foram agrupados em seis categorias. Os resultados evidenciam a necessidade de novas pesquisas sobre o assunto, para que se possa verificar se, em outros contextos, o cenário se assemelha. Novas pesquisas podem ser consideradas relevantes também, a julgar pela ameaça de repetição do ciclo da invisibilidade, constatado nas práticas sociais.

Palavras-chave: Inclusão. Pessoas com Deficiência. Isolamento Social. Ciclo da Invisibilidade.

Abstract: With the outbreak of COVID-19 around the world and the effective measures adopted to prevent the spread of the disease, such as isolation and social distancing, this study aims to understand the impact of isolation on the health of people with disabilities and their families. Those people with disabilities attend the APAE (Parents and Friends of people with special needs Association) outpatient clinic in the city of Araguari, MG. For this purpose, thirty participants, made up of families comprising children with autism who attend the APAE outpatient clinic, were part of an open interview. The data obtained were grouped into six categories. The results show the need for further research on the subject to verify whether, in other contexts, the scenario is similar. New researches can also be considered relevant, judging by the threat of the invisibility cycle repeating itself, as observed in social practices.

Keywords: Inclusion. People with disabilities. Social Isolation. Invisibility Cycle.

¹ Psicólogo atuante no ambulatório da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Araguari - MG.

² Psicóloga e Mestre em Psicologia atuante no ambulatório da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Araguari - MG.

³ Fisioterapeuta atuante no ambulatório da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Araguari - MG.

INTRODUÇÃO

A Associação de Pais Amigos dos Excepcionais se caracteriza por ser uma organização social, cujo objetivo principal é promover a atenção integral e integrada (atua nas áreas da assistência social, saúde e educação) à pessoa com deficiência intelectual e múltipla e, na unidade apaeana local, Transtorno do Espectro do Autismo. Este estudo tem como objetivo compreender os impactos que o isolamento social provocou na saúde de pessoas com deficiência, que frequentam os setores de atendimento no ambulatório da APAE da cidade de Araguari e das suas famílias. A APAE de Araguari - MG conta com o ambulatório de atendimento por equipe multiprofissional, com profissionais das áreas de Psicologia, Terapia Ocupacional, Fonoaudiologia, Fisioterapia e Serviço Social.

No final de janeiro de 2020, devido ao surto de COVID-19, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou uma emergência de saúde pública de importância internacional. No Brasil, o primeiro lote de medidas de distanciamento social foi realizado a partir de 16 de março. Os serviços não essenciais foram encerrados em 24 de março e a área de quarentena isolada. Considerada a medida mais eficaz, o isolamento social tem causado mudanças bruscas na vida das famílias brasileiras e até interferido no comportamento psicossocial e na saúde mental de crianças que também vivenciam o medo e a incerteza.

De acordo com o Ministério da Saúde/FIOCRUZ (2020), as crianças têm o seu senso de segurança e normalidade afetados pelas dificuldades financeiras vivenciadas em suas famílias, pelo adoecimento, hospitalização ou morte de pessoas próximas. Dados do Comitê Científico do Núcleo Ciência Pela Infância-NCPI (2020) apresentam que o isolamento social tem acentuado ou feito surgir adversidades funcionais ou comportamentais nas crianças: 36% de dependência excessiva dos pais; 32% de desatenção; 29% de preocupação; 21% de problemas no sono; 18% de falta de apetite; 14% de pesadelos e 13% de desconforto e agitação.

Nas crianças com deficiência, essas manifestações podem ocorrer de forma ainda mais frequente e intensa, dado o contexto de desigualdade e opressão a que estão sistematicamente submetidas. Nesses casos, o distanciamento social e a abrupta interrupção da rotina têm intensificado os impactos na sua saúde, desde a desorganização sensorial e psicológica, até perdas motoras, de acordo com dados do Ministério da Saúde/FIOCRUZ (2020).

Para além disso, no que diz respeito às crianças com deficiência, existem, ainda, outros fatores que chamam a atenção. Um deles é a intensificação do ciclo da invisibilidade. De acordo com Werneck citado por Almeida (2010), o “Ciclo da Invisibilidade da Pessoa Com Deficiência” é o movimento de esconder as pessoas com deficiência nas suas residências. A consequência disso é a não percepção dessas pessoas como membros da comunidade que, em função disso, não requerem o atendimento a bens, direitos e serviços. Essa falta de acesso a bens, direitos e serviços fortalece a discriminação e a falta de conhecimento sobre as necessidades específicas desse público.

Isso é exemplificado no diagrama abaixo:

Figura 1: Ciclo da invisibilidade



Diagrama com setas no movimento circular apresentando as seguintes palavras: pessoas com deficiência não conseguem sair de casa e, logo, não são vistas pela comunidade; como não são vistas, não são reconhecidas como membros da comunidade; como não são membros, a falta de acesso não é um problema; sem o acesso a bens e serviços, não há como serem incluídas; sem serem incluídas, continuam invisíveis e são alvo de discriminação.

Fonte: Werneck (1999, apud ALMEIDA, 2010)

Vale destacar que, apesar de serem tratadas como grupo minoritário, de acordo com dados do Banco Mundial (2011), há 1 bilhão de pessoas com deficiência no mundo, cerca de 15% da população mundial. Já segundo o Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), mais de 23% da população brasileira possui algum tipo de deficiência, totalizando cerca de 45 milhões de pessoas.

Na coluna de opinião publicada na Revista Radis editada pela Ministério da Saúde/FIOCRUZ (2020), a psicóloga e fundadora do movimento VIDA (Vida, Independência, Direito, Dignidade e Ação), Ana Beatriz Thé Praxedes, destacou que a deficiência se transforma em vulnerabilidade, visto que conforme a Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2008), o termo “pessoa com deficiência” relaciona a pessoa, sua condição de deficiência (impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial) e o seu entorno. Sendo assim, a pandemia evidenciou falta de equidade em estratégias e políticas públicas de saúde. Ainda de acordo com a autora, nesse contexto, surge a questão: as orientações e ações oficiais de prevenção e a regulação de serviços considerados essenciais levam em conta as especificidades das pessoas com deficiência? Antes da pandemia já era evidente a vulnerabilidade destas pessoas, imaginemos isso em um cenário de incertezas sobre as consequências da COVID-19 no mundo e no Brasil.

A autora ainda problematiza a falta de estratégias que poderiam incluir as pessoas com

deficiência no enfrentamento desta crise sanitária, visto que essa é uma questão complexa, devido à diversidade nas especificidades dos tipos de deficiência. Por exemplo, no que diz respeito à prevenção entre as pessoas com deficiência física, as medidas de contenção, tais como o distanciamento social e o isolamento pessoal, podem ser impossíveis para aquelas que requerem apoio de cuidadores (profissionais e/ou familiares) para comer, vestir-se ou banhar-se. Nesses casos, a presença física de um contato próximo é indispensável.

Pessoas com deficiência intelectual têm diferentes maneiras de compreender e processar informações. As informações de prevenção são fornecidas de uma forma que essas pessoas entendam? Você já pensou em se comunicar em uma linguagem simples e direta para que possa tomar medidas eficazes para prevenir doenças infecciosas? Todas essas estratégias já existem e estão descritas na legislação e nas políticas atuais, mas ainda não entraram em vigor. A pandemia expôs o peso da dívida de nosso país ao implementar essas estratégias.

A fim de obter um breve panorama do conhecimento produzido nos últimos meses no país a respeito dos efeitos do isolamento social na vida das pessoas com deficiência, difundido por artigos em periódicos científicos, foi realizado um levantamento bibliográfico nas bases de dados Scientific Electronic Library Online – Brasil (SciELO–Brasil), Periódicos Eletrônicos em Psicologia (PEPsic) e Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia (BVS–Psi). Para tanto, foram conduzidas buscas nas referidas bases de dados utilizando a palavra-chave “Isolamento Social” e um cruzamento com as palavras “Pessoas com deficiência”. As buscas foram concluídas em 03 de maio de 2021 e, ainda, não há produção científica a respeito do tema, nas referidas bases de dados.

Com o objetivo de compreender os impactos que o isolamento social provocaram na saúde de pessoas com deficiência e suas famílias, o presente estudo buscou investigar os efeitos de medidas adotadas em tempos de pandemia, por uma entrevista aberta com 30 famílias com crianças com autismo, que frequentam os setores de atendimento no ambulatório da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) da cidade de Araguari. A escolha dos participantes, deu-se por ser o público que os pesquisadores atendem.

Cabe ressaltar que o Transtorno do Espectro do Autismo é um transtorno do neurodesenvolvimento e se caracteriza, em geral, por inabilidade e/ou o desinteresse na interação/relacionamento com o outro, associado ao déficit na comunicação e presença de comportamentos inadequados, repetitivos e sem motivo aparente (estereotipados).

METODOLOGIA

O presente estudo se configura como uma pesquisa qualitativa. Dentre as principais vantagens desse tipo de pesquisa, há a possibilidade de obter múltiplos olhares sobre um mesmo fenômeno, o que favorece a ampliação do campo de análise e favorece a produção de novos saberes e práticas (BARBOSA; SOUZA, 2009). Os dados foram coletados pelas entrevistas não estruturadas (tipo de entrevista que se caracteriza, principalmente por não possuir um roteiro,

fazendo com que as respostas sejam livres, como um bate papo (LAVILLE; DIONE, 1999, p. 188-190)), com 30 famílias integradas por crianças com autismo, que frequentam o ambulatório da APAE da cidade Araguari - MG, selecionadas de forma aleatória.

A coleta de dados foi realizada pelos pesquisadores, em períodos diferentes, enquanto a família estava presente na Instituição, acompanhando o usuário nos atendimentos, de acordo com os horários de atendimentos no ambulatório. A coleta de dados foi precedida pela assinatura de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Todos os participantes do presente estudo foram entrevistados individualmente, em local reservado nas instalações da APAE.

A pergunta feita aos participantes foi a seguinte: “Você percebeu que com o isolamento social houve impactos na saúde mental do seu filho (a)? Se sim, descreva-os”. A partir das respostas, podemos agrupar os dados obtidos em duas categorias. A primeira categoria, “Aumento da ansiedade”, foi dividida em quatro subcategorias, como será detalhado adiante e a segunda categoria, em que as famílias não perceberam alterações significativas na rotina e conseguiram se adaptar facilmente ao cotidiano domiciliar.

Após as devidas autorizações institucionais, os familiares foram consultados, até que o critério de saturação fosse atingido. Tal procedimento, vale destacar, é compatível com as diretrizes do critério de saturação, que implica a interrupção da captação de novos participantes quando há identificação, por parte dos pesquisadores, de certa redundância nos resultados, conforme Fontanella, Ricas e Turato (2008). A utilização desse critério é frequente em pesquisas qualitativas, nas quais, de acordo com os referidos autores, a questão “quantos participantes?” é secundária em relação à pergunta “quem são os participantes?”, haja vista que eles não devem ser selecionados para constituírem uma amostra estatisticamente representativa, mas, por apresentar os atributos definidos como essenciais para que os objetivos estabelecidos pelo pesquisador possam ser atingidos.

RESULTADOS

Cabe ressaltar que o corpus do presente estudo foi submetido à análise de conteúdo, segundo a proposta de Bardin (2016). Trata-se, nas palavras da autora, de um conjunto de técnicas voltadas à interpretação de variadas formas de discurso a partir de um processo que oscila entre “[...] os dois polos do rigor da objetividade e da fecundidade da subjetividade” (BARDIN, 2016, p. 15). A análise de conteúdo se orienta, conforme Bardin (2016), em função de três procedimentos: a) pré-análise, b) exploração do material e c) tratamento dos resultados, inferências e interpretações. O primeiro procedimento envolve, basicamente, a realização de uma leitura flutuante do corpus e a execução de operações de recorte sobre ele, a fim de produzir unidades comparáveis. O segundo procedimento consiste na administração das técnicas de análise sobre as unidades comparáveis decorrentes do procedimento anterior, o que leva a reagrupamentos norteados por critérios específicos. Por fim, são condensadas, com o terceiro procedimento, as informações fornecidas pela administração das técnicas de análise, efetivando a transformação

de dados brutos em resultados significativos, inicialmente latentes.

Além disso, faz-se necessário esclarecer que, no presente estudo, a produção de unidades comparáveis se deu em função de temas, de modo que a execução de operações de recorte foi norteada pelo sentido das respostas dos participantes.

Categoria 1: Aumento da Ansiedade

A primeira categoria agrega relatos sobre a percepção dos participantes, no que tange ao aumento da ansiedade nos filhos e prejuízos na rotina. Por essa razão, optou-se por desmembrá-la em quatro subcategorias: a) Dificuldade em lidar com a mudança da rotina; b) Problemas no sono; c) Preocupação e d) Problemas relacionados à alimentação.

Percebe-se, na maioria dos relatos, as dificuldades que as famílias encontraram em lidar com a nova rotina e as suas consequências. Pode-se citar, por exemplo, aumento da irritabilidade, elevação do tempo em frente à televisão e/ou uso de eletrônicos e hábitos alimentares desregulados.

Categoria 1.1 Dificuldade em lidar com a mudança da rotina

Pude perceber que devido ao isolamento, meu filho, por não “poder” ir visitar os primos (os quais ele brincava rotineiramente) no início, sentiu falta. Outra consequência, foi o aumento de tempo frente à TV ou brincando ao celular. A consequência disso ao meu perceber foi um notório aumento da ansiedade, principalmente quando falo que vamos para a avó dele (que mora em outra cidade) ou que vamos fazer algo fora da rotina (que ele gosta muito, como caminhar, eu e ele) (RELATO 1, 2021).

Sim ele está mais agitado, mesmo tentando fazer atividades pra que ele possa se distrair um pouco. Mas mesmo assim, não resolve muito, tem dias que está relaxado e dias em que está muito estressado (RELATO 2, 2021).

Achei que mudou muito no humor. Estão acontecendo oscilações muito bruscas de humor, muito ansioso, irritado e sem paciência (RELATO 3, 2021).

Percebo que meu filho ficou mais ansioso e menos tolerante quanto a questão de ter que esperar (RELATO 4, 2021).

Está bem difícil pois meu filho, em particular, tem muita dificuldade com mudanças. Percebi muita irritabilidade, impaciência e dificuldade com coisas rotineiras como banho (fase terrível) (RELATO 5, 2021).

Sim. Meu filho está muito ansioso e começou a apresentar tiques (RELATO 6, 2021).

Um pouco difícil. Meu filho ficou mais agitado e eu percebi que o que ele aprendeu na escola ele estava esquecendo (RELATO 7, 2021).

Muitos impactos, mas principalmente em relação a ansiedade e agitação (RELATO 8, 2021).

Só ansiedade que eu percebi, ficou muito ansiosa e irritada, qualquer coisinha ela já chorava e dava birra, hoje parece que ela melhorou um pouco, mas as birras ainda

existem (RELATO 9, 2021).

Nossa aqui em casa não só ele, mas todos nós ficamos muito mais ansiosos (RELATO 10, 2021).

Impactos metais eu não sei dizer. Mas o que posso dizer que o convívio social ficou muito prejudicado, pois com a pandemia, tivemos que nos isolar e distanciar das pessoas. E pra mim prejudicou na procura de atendimentos presenciais com fonoaudióloga e psicóloga, pois demorei para conseguir atendimento pois não estavam tendo atendimentos presenciais (RELATO 11, 2021).

No primeiro momento ele deu uma excelente resposta ao desenvolvimento, após alguns meses regrediu socialmente, teve um tempo de irritação por quebra da rotina, mas o que mais tem feito falta é a relação com outras crianças, para imitação de comportamentos, brincar funcional, aprender regras (RELATO 12, 2021).

Sim. Ele já tinha uma rotina bem definida de escola e terapias. Com a pandemia e o isolamento ele ficou mais ansioso apresentando sinais como: comer toda hora querer ficar mais tempo com o celular etc (RELATO 13, 2021).

Ele ficou muito agitado, nervoso, agressivo dorme pouco, os medicamentos parecem não fazer efeito por ele estar mais agitado notei que ele parece estar ficando um pouco hiperativo, ele não para quieto mas acho que com a volta aos poucos pra rotina ele melhora (RELATO 14, 2021).

Sim, ficou mais nervoso por não sair de casa e não fazer os exercícios e atividades ministradas na APAE. Houve comprometimento no desenvolvimento psicomotor, queria ficar mais deitado, chorava muito por qualquer motivo (RELATO 15, 2021).

Percebemos apenas uma agitação no sentido de não poder ter mais contato com outras crianças, uma vez que tivemos (por opção nossa) tirá-lo da natação onde tinha contato com algumas crianças. Notamos que sempre que ele tem a oportunidade de estar em contato com outras crianças essa agitação desaparece. Também devido ao tempo de afastamento das atividades da APAE no início da pandemia, houve atraso significativo em seu desenvolvimento (RELATO 16, 2021).

No começo foi um pouco difícil por não ter escola. Ele ficou ansioso e nervoso, mas agora houve uma grande melhora, está interagindo mais e ficando mais independente (RELATO 17, 2021).

Sim, houve impactos negativos como ansiedade, agitação e nervosismo. Além disso, houve atraso na parte motora pela ausência nas terapias regulares, retrocesso no aprendizado. Principalmente no processo de aprendizagem que até hoje não voltou, ela estava começando a socialização e a ter rotinas. Já a parte das terapias no começo foi difícil e muito prejudicial, mas agora que normalizou um pouco está sendo muito bom pra ela (RELATO 18, 2021).

Categoria 1.2: Problemas no sono

Eu percebi que meus meninos tiveram mais dificuldade para pegar no sono, eu penso que como eles não estão gastando energia o sono não vem (RELATO 19, 2021).

Eu acho que mentalmente eu não percebi nenhum impacto na minha filha, mas pra dormir tem sido uma luta todos os dias. Eu tenho seguido as suas dicas de criar uma rotina, estabelecer horários, conversar sobre a importância do sono e contar histórias, mas tem sido bem difícil essa parte do dia (RELATO 20, 2021).

Sim. Ele passou a apresentar comportamentos mais calmos e tem demonstrado mais

segurança em suas atitudes. Entretanto houve desregulação no sono e alterações sensoriais. Apesar de ainda existir trocas na fala, foram percebidos avanços na comunicação (RELATO 21, 2021).

Categoria 1.3: Preocupação

Impactos mentais não teve, mas no início da pandemia ele ficava perguntando se eu ia morrer, isso porque perdemos um familiar para a COVID-19, ele ficou preocupado como se fosse um adulto, aí eu expliquei pra ele que ele não tinha que ficar pensando nessas coisas, que criança não pensava nisso (RELATO 22, 2021).

Parece que ela ficou muito preocupada, principalmente com a avó, aí eu parei de assistir jornal e ela melhorou (RELATO 23, 2021).

O pai dele é Uber e a gente ficou muito preocupado com medo dele pegar COVID, aí a gente sempre falava sobre isso e ele escutando, aí um dia ele disse do nada que estava preocupado com o papai, eu perguntei o motivo da preocupação e ele disse que o papai ia adoecer com o bichinho do Coronavírus (RELATO 24, 2021).

Categoria 1.4: Problemas relacionados à alimentação

Ele não teve nenhum impacto mental, mas engordou demais, começou a comer bem mais do que antes, a família toda na verdade, porque agora a gente só fica em casa aí a única coisa que tem pra fazer é comer, eu engordei 4 quilos até agora e ele 3 (RELATO 25, 2021).

Ela ganhou peso parece, eu não sei se isso conta como impacto mental, mas a gente só come besteira, antes a gente comia direitinho, agora com essa pandemia é só coca cola e sanduiche, mas a gente vai levar ela no nutricionista (RELATO 26, 2021).

Nossa nós descontamos todo o sofrimento desse período na comida, eu penso que isso é problema na cabeça da gente, porque a gente fica triste e come, ele engordou bastante, está aparente que ele engordou, mas como a gente leva ele pra fazer exercício? Às vezes eu levo ele na pracinha aqui perto de casa, mas aí logo surge um tanto de gente sem máscara e já começa a aglomeração, eu tenho muito medo dele pegar COVID porque ele é grupo de risco eu acho, mas tem gente que fala que criança não pega, aí eu fico entre a cruz e a espada, porque eu não levo ele pra fazer exercícios por conta da aglomeração, mas aí ele acaba engordando (RELATO 27, 2021).

Categoria 2: Sem alterações na rotina/Fácil adaptação domiciliar

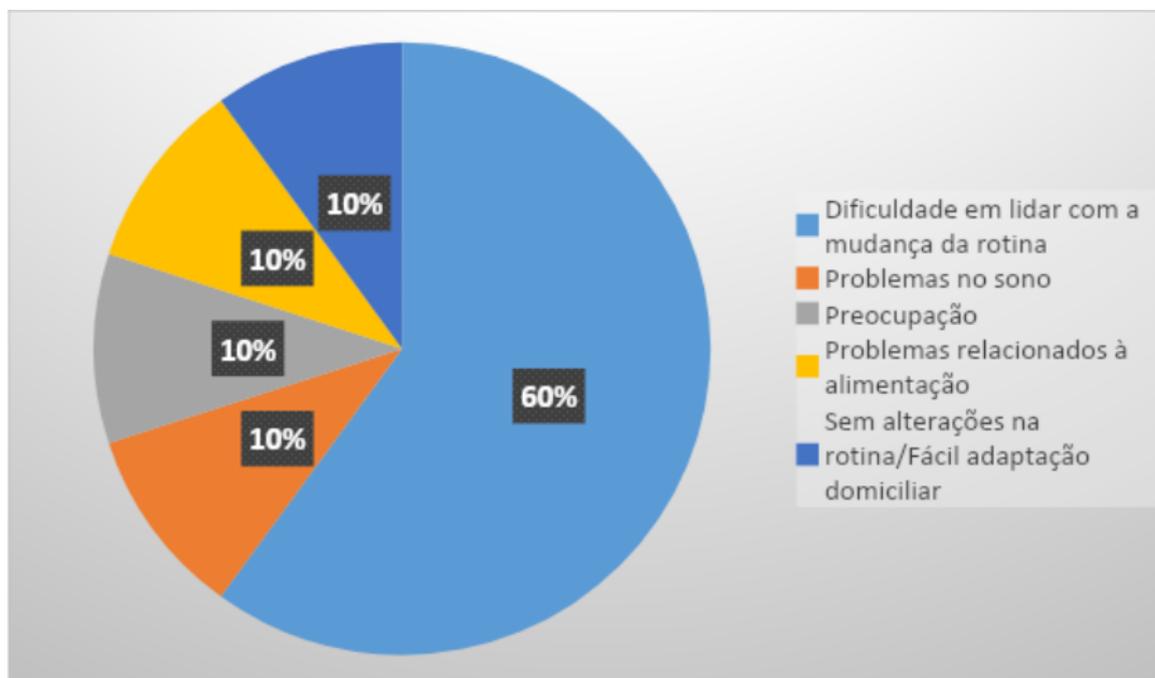
Por outro lado, os relatos agrupados nesta categoria, apresentam pontos relacionados a nenhuma percepção da mudança da rotina, mesmo com as medidas de isolamento social. Algumas famílias apontam facilidade por parte das crianças em lidar com a mudança de forma tranquila, sem grandes prejuízos emocionais.

Por ele ser mais introvertido, e não gostar muito de aglomeração de pessoas em volta dele, não ouve tanto impacto, a rotina continua a mesma, e a roda de convivência com pessoas ligadas diretamente a ele não mudou (RELATO 28, 2021).

No começo sim, muito difícil! Muita irritabilidade em ficar só em casa, o corte das terapias e da escola, trouxe crises nervosas diárias. Após um tempo de isolamento senti muita progressão, pois conseguimos organizar atividades com ele em casa, e acabamos nos aproximando! Hoje não vejo nenhum problema nesse fato (RELATO 29, 2021).

Graças à Deus não nos afetou, pois temos um total de 7 crianças que vivem sempre juntas! Moro numa fazendinha onde eles sempre vão passear, e na casa da minha mãe aqui na cidade, é uma mini chácara, onde eles brincam o tempo todo em cima das árvores e no quintal... Eles sentem falta do convívio com outras crianças, mas não ao ponto de afetar a saúde mental (RELATO 30, 2021).

Gráfico 1: Percepção dos participantes sobre as consequências da pandemia



Fonte: Rafael Simões de Sousa Godói (2021)

DISCUSSÃO

Dentre as medidas adotadas mundialmente para conter a rápida escalada do contágio da COVID-19, destaca-se o distanciamento social. Ao levar em conta a análise minuciosa dos resultados encontrados no presente estudo, há evidências que tal prática pode impactar negativamente na saúde mental de crianças e, principalmente, de crianças com deficiência e suas famílias.

Os dados obtidos nessa pesquisa realizada com 30 famílias demonstram que, de acordo com o Gráfico 1, 60%, ou seja, mais da metade dos pais entrevistados relataram o aumento da ansiedade nos filhos e prejuízos na rotina e 10% dos pais perceberam a preocupação surgir nas crianças.

10% dos pais entrevistados expuseram que houve um aumento no consumo de alimentos e, conseqüentemente, aumento do peso, caracterizando, assim, problemas relacionados à alimentação em decorrência do isolamento social.

De acordo com Debastian, Fernandes e Leal (2020), as alterações na rotina dos escolares, nova rotina de aprendizagem via meios digitais, incertezas e preocupações vividas durante o período de pandemia, trazem à tona no ambiente familiar e/ou na criança, sentimentos de ansiedade, tristeza pelo distanciamento de amigos e colegas, bem como insegurança, podendo

caracterizar um aumento no consumo alimentar, já que as emoções citadas pressupõe sensações como afastamento ou abandono, que podem afetar as escolhas alimentares, utilizando o seu processo alimentar como forma de acalento ou reconforto frente a angústia, já que a sensação de saciedade vai para além de aspectos biológicos.

Além disso, com o intuito de identificar como as famílias brasileiras com crianças abaixo de 13 anos enfrentam o período de distanciamento social decorrente da pandemia de COVID-19, principalmente no que diz respeito ao tempo gasto em atividade física, atividade intelectual, brincadeiras, atividades ao ar livre e em tela, a pesquisa de Sá et al. (2021) traz, com base em dados de 816 crianças, que a maioria dos pais considera que houve redução no tempo em que as crianças passam praticando atividade física e aumento do tempo lúdico de tela e das atividades em família. Esses dados estão de acordo com alguns relatos que surgiram no presente estudo, principalmente, no que diz respeito à redução no tempo em atividade física.

10% dos pais relataram que, com o isolamento social, as crianças começaram a apresentar problemas relacionados ao sono.

A pesquisa de Becker e Gregory (2020) denominada “Editorial Perspective: Perils and promise for child and adolescent sleep and associated psychopathology during the COVID-19 pandemic”, cujo objetivo foi discutir as maneiras pelas quais o sono pode ser afetado pela pandemia, apresenta que a pandemia pode causar impactos significativos na qualidade do sono de crianças e adolescentes. Pode ocorrer, ainda, um aumento no nível de estresse de crianças e adolescentes, devido a problemas financeiros enfrentados pelos pais. Os autores concluem que existem várias implicações importantes com relação à qualidade do sono de crianças durante a pandemia, que devem ser estudadas.

Vale ressaltar que a pandemia de COVID-19 e, conseqüentemente, o isolamento social, ainda está em curso no Brasil e, de acordo com dados do Comitê Científico Núcleo Ciência Pela Infância (2020), as crianças com deficiência estão expostas a um maior risco de contaminação pelo vírus por diferentes motivos, dentre eles, dificuldades de implementar medidas básicas de higiene, impossibilidade de manter o distanciamento social, dada a necessidade de apoio contínuo para atividades da vida diária, possíveis condições de saúde preexistentes relacionadas à função respiratória, ao sistema imunológico, ao coração, dentre outros aspectos.

Esses motivos e outros são responsáveis por aumentar a exposição ao risco de contágio e, nesse sentido, tornam a necessidade do isolamento social ainda maior e, conseqüentemente, exigem mais a atenção à saúde mental dessa população.

A realização de atividades de reconhecimento, nomeação e expressão das emoções, tarefas e atividades em conjunto e conversas com a criança sobre o que está acontecendo se fazem necessárias, no intuito de proporcionar acolhimento e a amenização desses conflitos.

Lima (2020) cita a importância da organização de uma agenda que equilibre horários de estudos e tempo para brincar, evitando excessos de eletrônicos e internet, tendo ajuda no contato com avós, outros parentes e amigos, a regulação do acesso a notícias sobre a pandemia com a oferta de informações adequadas à sua faixa etária e o acolhimento dos seus medos, aju-

dando-os a expressarem as suas emoções, preocupações e fantasias por meios lúdicos.

Espera-se que esse estudo impulse novos pesquisadores a investigar os impactos que o isolamento social decorrente da pandemia de COVID-19 tem causado na saúde mental de crianças com deficiência, principalmente ao levar em conta a escassez de estudos relacionados a esse assunto.

CONCLUSÃO

Tendo em vista os dados aqui apresentados e as evidências acumuladas até o momento, a saúde mental de crianças e, mais especificamente de crianças com deficiência, pode ser impactada negativamente de diversas maneiras durante o isolamento social decorrente da pandemia de COVID-19. O aumento da ansiedade, dificuldade em lidar com a mudança da rotina, problemas no sono, preocupação, problemas relacionados à alimentação e intensificação do ciclo da invisibilidade são apenas alguns dos conflitos que podem surgir nesse período. Nesse aspecto, é muito importante que os pais e as pessoas próximas estejam atentos aos sinais de alerta e se empenhem na promoção da saúde mental infantil.

Esse conjunto de resultados, como supracitado, igualmente evidenciam a necessidade de novas pesquisas sobre o assunto, até mesmo para que possa verificar-se, em outros contextos, o cenário que se apresenta é semelhante ou não. A propósito, novas pesquisas podem ser consideradas especialmente relevantes, a julgar pelas ameaças de retrocessos e perdas de direitos, que na contramão da inclusão, incentivam o resgate do ciclo da invisibilidade. Além disso, espera-se que esse estudo motive novas pesquisas para avaliar os impactos da pandemia de COVID-19 na saúde mental de crianças, principalmente, as com deficiência, visto a escassez de estudos com essa temática.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, P. **Comunicação e a Convenção sobre os Direitos das pessoas com deficiência**. Disponível em: <http://www.inclusive.org.br/wp-content/uploads/2010/12/Comunicacao-e-a-Convencao-0612.ppt>. Acesso em: 03 maio 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto. São Paulo: Edições 70, 2016.

BECKER, Stephen P; GREGORY, Alice M. Editorial perspective: perils and promise for child and adolescent sleep and associated psychopathology during the COVID-19 pandemic. **J Child Psychol Psychiatry**, Londres, v. 7, n. 61, p. 757-759, maio 2020.

BARBOSA, Deborah Rosária; SOUZA, Marilene Proença Rebello de. História da psicologia: contribuições da etnografia e da história oral. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, p.

81-91, jun. 2009. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 03 maio 2021.

DALTON, Louise; RAPA, Elizabeth; STEIN, Alan. Protecting the psychological health of children through effective communication about COVID-19. **Lancet Child Adolesc Health**, EUA., v. 4, n. 5, p. 346-347, dez. 2020.

DEBASTIANI, Carlise; FERNANDES, Jéssica Kehrig; LEAL, Vinícius Rufino. Relação da alimentação e a saúde durante o período pandemia do Covid – 19 dos alunos da Escola Terra do Saber, do Município de Palotina – PR. **ConSensu**, Brasília, v. 4, p. 1-14, out. 2020.

FIOCRUZ, Fundação Oswaldo Cruz. **Crianças na Pandemia COVID-19**. Brasília: Fiocruz, 2020.

FONTANELLA, Bruno José Barcelos; RICAS, Jane; TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 17-27, jan. 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/Zbfsr8DcW5YNWVkyMVByhrN/?lang=pt>. Acesso em: 05 maio 2021.

LIMA, Rossano Cabral. Distanciamento e isolamento sociais pela Covid-19 no Brasil: impactos na saúde mental. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 30, p. e300214, jul. 2020.

NCPI - Núcleo Ciência pela Infância. Repercussões da Pandemia de COVID-19 no Desenvolvimento Infantil. **Consequências do estresse derivado da pandemia para o desenvolvimento infantil**. 2020. Disponível em: <https://ncpi.org.br/wp-content/uploads/2020/05/Working-Paper-Repercussoes-da-pandemia-no-desenvolvimento-infantil-3.pdf> Acesso em: 10 mai. 2021.

SÁ, Cristiana dos Santos Cardoso, et al. Distanciamento social covid-19 no Brasil: efeitos sobre a rotina de atividade física de famílias com crianças. **Revista Paulista de Pediatria**, São Paulo, v. 39, p. 1 - 8, nov. 2020.

PRAXEDES, Ana Beatriz Thé. **COVID-19 e a invisibilidade das pessoas com deficiência**. Disponível em: <https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/opiniao/covid-19-e-a-invisibilidade-das-pessoas-com-deficiencia>. Acesso em: 03 maio 2021.